

A efetividade dos signos desinformativos sob a perspectiva da retórica e do pragmatismo de Charles Peirce

The effectiveness of disinformative signs from the perspective of Charles Peirce's rhetoric and pragmatism

DANIEL MELO RIBEIRO - ORCID 0000-0002-0840-2587

(pág 103 - pág 115)

RESUMO. Este estudo tem como objetivo principal explorar aspectos semióticos da desinformação a partir da retórica especulativa e do pragmatismo de Charles S. Peirce. Argumentamos que a retórica, que é o terceiro ramo da lógica, concentra as principais ideias de Peirce relacionadas aos efeitos que os interpretantes produzem nas cadeias de semiose, uma característica essencial para se compreender a desinformação. Esta parte ainda pouco explorada de sua semiótica oferece um relevante substrato teórico para lidar com a questão da efetividade dos signos desinformativos. Recuperamos a discussão sobre o potencial comunicacional dessa teoria e as possíveis implicações de seus aspectos metodológicos. Em seguida, são apresentados alguns apontamentos sobre o vínculo desse ramo da lógica com o pragmatismo. Por fim, é feita a conexão desses argumentos com o problema da desinformação, tendo em vista suas características semióticas e pragmáticas.

Palavras-chave: desinformação, semiótica, pragmatismo, retórica, metodêutica

ABSTRACT. The main objective of this study is to explore semiotic aspects of disinformation based on Charles S. Peirce's considerations on speculative rhetoric and pragmatism. We argue that the third branch of logic concentrates Peirce's main ideas related to the effects that interpretants produce in chains of semiosis, an essential characteristic for understanding disinformation. This unexplored part of its semiotics offers a relevant theoretical substrate for dealing with the question of the effectiveness of disinformative signs. We begin by discussing the communicational potential of this theory and the possible implications of its methodological aspects. Next, some notes will be presented on the vital connection between this branch of logic and pragmatism. Finally, these arguments will be associated to the problem of disinformation, taking into account its semiotic and pragmatic characteristics.

Keywords: disinformation, semiotics, pragmatism, rhetoric, methodeutics

DANIEL MELO RIBEIRO é Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Doutor em Comunicação e semiótica pela PUC-SP. É membro do grupo de pesquisa CIEP/PUC-SP (Centro Internacional de Estudos Peirceanos) e líder do grupo Mediação/UFMG (Grupo de pesquisas em Mídia, semiótica e pragmatismo). E-mail de contato: <danielmeloribeiro@gmail.com>

FECHA DE RECEPCIÓN: 04-02-2025 **FECHA DE APROBACIÓN:** 15-02-2025

1. INTRODUÇÃO E CONTEXTO

O tema da desinformação começa a ganhar maior relevância a partir de 2016, no contexto das eleições presidenciais dos EUA e do Brexit, bem como nas eleições de 2018 no Brasil. Geralmente associada a termos como *pós-verdade* e *fake news*, a desinformação se materializa, por exemplo, em notícias falsas ou em conteúdos distorcidos, que ganham ampla circulação nas plataformas de comunicação digital em rede. A eclosão da pandemia de covid-19 impulsionou as investigações sobre a desinformação, tendo em vista, por exemplo, os debates sobre os movimentos antivacina e a insistência na divulgação de tratamentos ineficazes (Alzamora; Mendes; Ribeiro, 2021). A desinformação também foi intensamente debatida no contexto das eleições de 2022 no Brasil, cujos efeitos nocivos culminaram nos atentados ao regime democrático no país, ocorridos em janeiro de 2023 em Brasília (Ribeiro; Mendes; Alzamora, 2023).

Um dos desafios para lidar com a desinformação consiste em delimitar, com uma certa precisão, a amplitude desse conceito, uma vez que suas definições parecem não contemplar toda a complexidade do problema: afinal, o que é, exatamente, desinformação? Quais exemplos poderiam ser caracterizados dessa maneira? Sabemos que a desinformação não é um problema novo. No entanto, não podemos ignorar o papel decisivo que as plataformas digitais desempenham no alcance, na velocidade e no custo de distribuição da desinformação, o que torna a questão particularmente relevante no cenário contemporâneo.

Acreditamos que uma das perspectivas para lidar com a desinformação no campo da comunicação consiste em encarar o problema sob o viés da semiótica. Esse argumento parte da premissa de que a desinformação envolve uma dimensão de circulação e disputa de sentidos em múltiplas cadeias sógnicas, que podem ser compreendidas como fenômenos de semiose. Além disso, defendemos também que a desinformação está intimamente relacionada com a formação de sistemas de crenças dos indivíduos, na medida que regulam seus hábitos de compartilhamento nas redes, bem como atuam na rejeição de argumentos e provas contrárias às suas próprias preferências individuais (Ribeiro; Mendes; Alzamora, 2023; Ripoll; Ohlson; Romanini, 2022).

A partir desse contexto, este estudo tem como objetivo principal explorar aspectos semióticos da desinformação, um problema central para os estudos da comunicação no cenário contemporâneo. Nossa abordagem fundamenta-se em Charles S. Peirce (1839-1914), cientista, lógico e filósofo estadunidense. Sua teoria trata dos modos como os diferentes signos se manifestam e se comportam, ao representar objetos do mundo e causar efeitos interpretativos. Embora a semiótica ocupe uma parte significativa de sua obra, Peirce também desenvolveu outros temas relevantes para a área de comunicação. Destacamos o pragmatismo, compreendido como uma doutrina do refinamento lógico das ideias, a fim de desvendar como as crenças guiam a conduta e geram efeitos práticos no mundo.

Neste estudo, em particular, pretendemos desenvolver o aspecto semiótico da desinformação a partir da retórica especulativa, uma das subdivisões da lógica propostas no âmbito da sua classificação das ciências. Argumentamos que esse ramo da lógica concentra as principais ideias de Peirce relacionadas aos efeitos que os interpretantes produzem nas cadeias de semiose, que é uma das características essenciais de qualquer prática comunicacional. Como esses efeitos interpretativos estimulam a fixação de crenças dos indivíduos, torna-se necessário relacionar a retórica especulativa com o pragmatismo,

na medida em que esses efeitos podem ter desdobramentos concretos e perceptíveis no mundo sensível. Interessa-nos, por fim, debater os mecanismos semióticos de propagação de desinformação, sobretudo no contexto das plataformas de redes sociais.

Assim, destacamos a relevância da retórica especulativa ou metodêutica, a terceira subdivisão da lógica de Peirce. Essa parte ainda pouco explorada de sua semiótica oferece um substrato teórico essencial para lidar com a questão da efetividade dos signos desinformativos. Recuperamos a discussão empreendida por outros estudiosos de Peirce sobre o potencial comunicacional de sua teoria e as possíveis implicações da virada metodológica na sua retórica (Bergman; 2000; Colapietro, 2007). Em seguida, apresentamos alguns apontamentos sobre a vital conexão desse ramo da lógica com o pragmatismo. Por fim, conectamos esses argumentos com o problema da desinformação, tendo em vista suas características semióticas e pragmáticas.

2. OS TRÊS RAMOS DA LÓGICA

A subdivisão das ciências desenhada por Peirce ao longo de sua trajetória intelectual costuma ser vista como um guia para o reconhecimento das interdependências e conexões de seu pensamento (Santaella, 1992). Sabemos, por exemplo, que a sua teoria semiótica (entendida como um sinônimo de lógica) foi classificada como a terceira ciência normativa, precedida, respectivamente, pela ética e pela estética. De maneira geral, a lógica é definida por Peirce como a “ciência das leis gerais dos signos” (EP¹: 260) que, por sua vez, também foi subdivida em três ramos: a gramática especulativa, que trata das classificações e tipologias dos variados tipos de signo; a lógica crítica, que se ocupa dos diferentes tipos de raciocínio e dos estágios de investigação; e a retórica especulativa (ou metodêutica).

Os dois primeiros ramos da lógica são as subdivisões mais conhecidas de sua semiótica. O próprio Peirce afirmou que a retórica especulativa é a subdivisão que se encontrava, à sua época, mais negligenciada (EP²: 327). Mesmo com os esforços empreendidos na compilação e na organização de seus manuscritos, a metodêutica ainda permanece como a parte mais inexplorada da semiótica de Peirce (Santaella, 1999; Bergman, 2000).

Por outro lado, essa suposta negligência contrasta com outra afirmação de Peirce, de que a terceira subdivisão é o “mais proeminente e mais vívido ramo da lógica” (CP² 2.333; Santaella, 1999). Essa constatação é corroborada por Colapietro (2007) e Bergman (2000), indicando que esse ramo apresenta, por sua vez, um potencial frutífero para ser explorado pelos pesquisadores de sua obra, especialmente no que diz respeito às conexões da sua teoria semiótica com a comunicação. Um aprofundamento das características retóricas da semiótica de Peirce poderia iluminar alguns pontos que foram somente esboçados em seus textos, a fim de desenvolvermos uma perspectiva comunicacional mais completa sobre sua semiótica, mas que não esteja limitada ao escopo da teoria dos signos (Bergman, 2000: 234).

3. COMUNICAÇÃO E MEDIAÇÃO: A EFICIÊNCIA DO SIGNO

Charles Peirce já se interessava pelo tema da retórica desde sua juventude (Colapietro, 2007). Podemos dizer que a retórica, no seu sentido comum, diz respeito às

técnicas de *persuasão*. Contudo, o sentido almejado por Peirce aproxima-se das noções de *propósito* e *eficiência*, sendo a persuasão somente uma das funções da retórica. Ou seja, Peirce direcionou a retórica para a compreensão dos procedimentos que a comunicação por signos deve empreender para alcançar o seu propósito de maneira eficiente (Colapietro, 2007: 31). Indicações sobre a retórica estão espalhadas de maneira fragmentária em seus textos. Algumas reflexões mais sistematizadas de Peirce sobre a retórica especulativa encontram-se no artigo “Ideias perdidas ou roubadas sobre a escrita científica” (*Ideas, Stray or Stolen, about Scientific Writing*), de 1904 (EP2: 326).

Segundo Peirce, a retórica especulativa é a doutrina das condições gerais que tratam da efetividade dos signos. Isso implica especificar como os signos determinam seus interpretantes ao entrar em ação e quais seriam suas consequências (CP 2.93). Nas palavras de Peirce, a retórica especulativa é a “ciência das condições essenciais sob as quais um signo pode determinar um signo interpretante de si mesmo” (EP2: 326). Em outro trecho, Peirce chama o terceiro ramo da lógica de retórica pura e afirma que “sua tarefa é determinar as leis pelas quais, em toda inteligência científica, um signo dá origem a outro e, especialmente, um pensamento dá origem a outro” (CP 2.229). Tendo como referência essas definições, Santaella (1999: 380) indica que a retórica especulativa trata dos “interpretantes responsáveis pelo porvir dos signos, o que significa uma teoria do poder generativo do signo para se transformar em outro signo.”

A efetividade de um signo consiste em sua capacidade de afetar uma mente e gerar interpretantes, que, por sua vez, serão responsáveis por disparar novas cadeias de semiose. Na medida em que a retórica especulativa se ocupa do estudo da eficiência dos signos, seu enfoque se volta para a ação dos signos no mundo. Ou seja, um signo eficiente é aquele que cumpre o papel de ser interpretado por uma mente e, com isso, disparar cadeias de semiose, a fim de que essa interpretação possa ganhar vida e se multiplicar, cumprindo, dessa maneira, o seu propósito. Assim, esse ramo lida não somente com a “arte da comunicação”, mas também com o “aumento da vitalidade e coerência dos processos de semiose” (Santaella, 1992: 137).

No contexto da gramática especulativa, o signo é concebido em suas diferentes modalidades a partir de concepções mais abstratas, oferecendo o suporte classificatório necessário para compreender sua fisiologia (Santaella, 1999). Já no âmbito da retórica, o signo passa a ser visto a partir de suas características comunicacionais, que envolvem não somente suas propriedades formais, mas também as cadeias de significados que se entrelaçam, bem como os papéis do emissor e do intérprete nas trocas sógnicas. Segundo Bergman (2000: 225), a retórica de Peirce “preocupa-se com o estudo da transmissão dos significados pelos signos, e das formas pelas quais um signo dá vida à outro”. Ou, segundo Santaella (1999: 381), a retórica investiga “os possíveis modos de recepção e manipulação dos signos, ou seja, o que ocorre com os signos quando são efetivamente usados”.

Assim, para compreendermos o aspecto comunicacional implícito na retórica, é preciso levar em conta a geração dos interpretantes nas cadeias de semiose. Para isso, é fundamental considerarmos o aspecto *mediador* do signo em relação ao objeto e ao próprio interpretante (EP2: 410). Peirce afirma que “um signo é claramente uma espécie de meio de comunicação” (EP2: 390). Porém, o signo não pode ser entendido como um mero veículo neutro de transporte de significados entre duas outras entidades. Como afirma Bergman (2000), essa noção de signo como veículo de transporte de significados tornaria

muito simplista a leitura dos fenômenos comunicacionais à luz da semiótica, ao pressupor uma transposição transparente entre o objeto e o interpretante.

A mediação não denota uma função passiva do signo. A maneira como o signo se mostra ao intérprete pressupõe, por natureza, uma representação necessariamente parcial de seu objeto. Ou seja, o signo nunca será capaz de reproduzir o objeto em sua totalidade. Dessa forma, quando um signo entra em ação, o interpretante gerado estará condicionado (ou determinado) pela maneira particular como o signo representa o objeto. Afinal, o acesso ao objeto é, obrigatoriamente, mediado pelo signo. O efeito interpretativo provocado em uma mente é conhecido por interpretante dinâmico (CP 8.315), que resulta da maneira particular como o seu signo, no contexto comunicacional, se apresentou ao intérprete com o intuito de representar o objeto. Mesmo o interpretante imediato, que corresponde ao potencial interpretativo intrínseco ao signo, também é afetado por essa condição mediadora. Em outras palavras, o signo desempenha, à sua maneira, um papel ativo de tradução do mundo para seus intérpretes, que revela (mas também oculta) características do objeto (Nöth, 2014).

A mediação não é, por outro lado, uma condição limitadora. Se considerarmos, por exemplo, os signos icônicos, abundantes no contexto das artes, poderíamos descobrir aspectos inesperados ou reveladores do objeto através do signo, que os tornariam ainda mais admiráveis em seu aspecto estético. Além disso, é preciso lembrar que a ação do signo não se encerra numa única e isolada rodada de significação. A semiose garante que a ação do signo prossegue de maneira dinâmica, gerando uma teia de interpretantes que, a cada movimento, joga um pouco mais de luz sobre diversas faces do objeto.

Por outro lado, como podemos pensar na eficiência de um signo, dada a sua condição de parcialidade e incompletude? Como um signo pode ser eficiente e cumprir o seu propósito, gerando interpretantes que não necessariamente correspondem integralmente ao objeto? Como um signo mentiroso, falso ou desinformativo poderia ser eficiente? Compreender essas questões requer conectar a retórica especulativa com o pragmatismo, um esforço que Peirce empreendeu nos anos finais de sua vida.

4. A CONEXÃO METODOLÓGICA COM O PRAGMATISMO

Nos primeiros anos do século XX, Peirce passou a adotar o termo metodêutica para classificar esse terceiro ramo da lógica. Essa reclassificação aponta para uma perspectiva metodológica, ao explorar os procedimentos necessários para que, diante de um problema desconhecido, uma pesquisa possa ser realizada e, assim, alcançar a verdade (CP 2.106; 2.207). Argumentamos que as duas características principais da retórica especulativa e da metodêutica - a efetividade de um signo e os aspectos metodológicos - são complementares e se encontram na raiz de sua noção mais madura de pragmatismo. Dessa maneira, por lidar com a ação dos signos em contextos comunicacionais e sua efetividade prática, “o terceiro ramo da semiótica é não somente o mais vital, mas também o mais pragmaticista” (Colapietro, 2007: 19).

Para compreender a ligação da metodêutica com o pragmatismo, é preciso considerar que “idéias não podem ser comunicadas de forma alguma, exceto por meio de seus efeitos físicos” (EP2: 326). Ou seja, para comunicar ideias, tanto o signo quanto

os interpretantes gerados nas cadeias de semiose requerem uma materialização sensível e perceptível por um certo corpo para se multiplicarem. Daí, podemos inferir que toda comunicação requer a presença de sinsignos (CP 2.243). Evidentemente, possibilidades (primeiridade) e leis (terceiridades) também podem ser comunicadas, desde que estejam corporificadas materialmente num signo.

É nesse sentido que o pragmatismo de Peirce se apresenta como uma perspectiva válida para as pesquisas em comunicação, ao focalizar a investigação dos efeitos concretos dos signos no mundo. Cabe lembrar que, desde as primeiras definições, Peirce já defendia que o pragmatismo deveria se voltar para compreender os efeitos provocados por um certo conceito intelectual, tal como foi expresso em sua máxima pragmática: “Considere quais são os efeitos práticos que pensamos que podem ser produzidos por um objeto da nossa concepção. A concepção de todos esses efeitos é a concepção completa do objeto” (EP2: 135). Contudo, o pragmatismo não restringe o seu foco para um efeito sîgnico tomado de forma isolada. É necessário adotar um método consistente de observação sistemática desses efeitos, gerados coletivamente em diferentes cadeias de semiose. Peirce indica que o significado real dos conceitos encontra-se no futuro, caso os esforços investigativos do pensamento deliberado observem o rigor do método científico e seus resultados estejam disponíveis para o escrutínio público.

O método pragmático tem um especial interesse por dois tipos de interpretantes: o interpretante final e o interpretante lógico. O interpretante final (no sentido de *finalidade* e não de *término*) diz respeito ao efeito completo e ideal de um signo, mesmo que o seu propósito não seja plenamente alcançável isoladamente. Ou seja, o interpretante final equivaleria a uma “verdadeira interpretação” (CP 8.184), caso o signo pudesse ser exercitado de uma forma suficientemente completa e exhaustiva. “Se fosse possível atingir o limite último de tal interpretabilidade, o interpretante final estaria plenamente realizado” (Santaella, 2004: 78). Nesse sentido, podemos dizer que o interpretante final equivaleria ao pleno alcance da efetividade de um signo, tal como Peirce almejou na retórica especulativa.

Já o interpretante lógico diz respeito ao efeito interpretativo associado ao pensamento deliberado e à mudança de hábitos (EP2: 409). O hábito é uma forma de regular a nossa conduta no mundo, gerando efeitos práticos sensíveis. Dessa maneira, cultivar o pensamento lógico, que, por sua vez, também se orienta por princípios éticos e estéticos, irá provocar mudanças de hábitos capazes de nos guiar, progressivamente, ao alcance da razoabilidade concreta (Santaella, 2004). O interpretante lógico, em particular, foi apontado por Peirce como um componente chave para conectar o seu pragmatismo com a semiótica (Bergman, 2000; Santaella, 2004), uma vez que seu surgimento está associado a um exercício de autocrítica e autocontrole, observando procedimentos corretivos para direcionar o pensamento rumo à verdade.

Portanto, a questão do método (metodêutica) se justifica como parte da lógica na medida em que evidência a importância do papel autocorretivo do pensamento deliberado, estimulando interpretantes lógicos. Além disso, o pragmatismo também oferece pistas metodológicas para que os efeitos dos signos, coletados nas diferentes cadeias de semiose geradas em torno de um certo fenômeno comunicacional, possam ser observados e investigados. Esse olhar analítico e crítico, voltado para os diferentes efeitos que uma semiose pode provocar, é um estímulo para que as pesquisas em comunicação não se limitem a uma única articulação sîgnica isolada, mas sim amplie seu escopo para lidar com

os fluxos comunicacionais que apontem caminhos em direção ao interpretante final. Nesse sentido, estudar os efeitos dos signos num processo comunicacional seria como coletar e encaixar as peças de um quebra-cabeça, observando não somente suas formas individuais mas também a maneira como essas peças se articulam com as peças vizinhas.

Em resumo, uma maneira de se compreender problemas comunicacionais complexos seria observar como seus efeitos concretos, que se materializam em forma de signos, são criados e circulam entre os diferentes agentes. Assim, uma observação atenta do comportamento desses signos, tanto do ponto de vista de suas peculiaridades formais como também da maneira como esses signos ganham vitalidade nas teias de semiose, consiste num passo elementar para uma investigação semiótica de fenômenos comunicacionais.

5. UMA LEITURA SEMIÓTICA DA DESINFORMAÇÃO

As considerações de Peirce sobre a retórica especulativa e sobre a metodêutica sugerem que a análise dos fenômenos comunicacionais requer uma atenção especial para os efeitos provocados por um signo, que, por sua vez, disparam novas cadeias de semiose. De maneira análoga, argumentamos que a compreensão da desinformação também pode seguir essa mesma trilha metodológica. O ponto de partida para se investigar a desinformação em seu aspecto semiótico consiste em compreender os possíveis modos de atuação dos signos, tendo em vista as tricotomias classificatórias extraídas das relações entre o signo em si, o objeto por ele representado e seus efeitos interpretativos, ou interpretantes (CP 2.243).

Não há dúvidas de que a desinformação se apresenta de maneira concreta em signos, principalmente, por meio de postagens que circulam nas mídias sociais. Essas postagens, por sua vez, são apropriadas e ressignificadas pelas pessoas, que as reverberam em suas respectivas cadeias de conexões, preservando (ou não), seu formato original. Nesse sentido, cabe aos investigadores coletar e analisar os rastros deixados pela desinformação – que se materializam em forma de memes, postagens, notícias falsas, *deep fakes* etc. – para, a partir deles, desvendar seus desdobramentos e, sobretudo, as razões de sua eficiência.

Como mencionamos, as manifestações concretas e singulares de um signo num processo comunicacional são classificadas como sinsignos, que se caracterizam em seu aspecto factual e que apontam para os objetos representados dado o lugar que ocupam no tempo e no espaço (Santaella, 2020). Sinsignos contêm rastros da realidade, que podem ser percebidos por suas conexões indiciais. Lembramos que os índices são signos que possuem a característica de serem afetados por seus objetos (CP 2.248), forçando a atenção imediata do intérprete para eles, mas sem a pretensão de descrevê-los (CP 1.369). Contudo, sinsignos também são dotados de qualidades particulares (formas, cores, texturas, intensidades, timbres) que, por sua vez, remetem às suas características icônicas (CP 2.92). Quando um signo se manifesta regularmente em diferentes instâncias, seus interpretantes dinâmicos passam a ser associados a hábitos e regras interpretativas, caracterizando-o como um símbolo (CP 2.249).

Observações empíricas sobre o fenômeno da desinformação no contexto da pandemia (Alzamora; Mendes; Ribeiro, 2021) e das eleições (Ribeiro; Mendes; Alzamora, 2023) apontam que a desinformação articula, simultaneamente, características icônicas, indiciais e simbólicas, no intuito de provocar um efeito interpretativo (interpretante

dinâmico) que procura simular um efeito de veracidade. Do ponto de vista icônico, observamos que esses signos procuram se assemelhar, por exemplo, ao formato tradicional de notícias, principalmente nas *fake news*, ou mesmo simular postagens feitas por perfis de autoridades, celebridades ou líderes políticos, utilizando seus rostos ou até mesmo suas vozes e suas expressões faciais (como no caso dos *deep fakes*). Do ponto de vista simbólico, costuma-se notar a forte presença de signos de reconhecimento imediato para o público, tais como símbolos patrióticos. Figuras públicas, autoridades e celebridades são também frequentemente acionadas para emprestar ao signo sua força simbólica de valores culturalmente compartilhados na sociedade.

Contudo, a principal característica dos signos desinformativos manifesta-se em suas propriedades indiciais. Devido à sua conexão causal, espacial e temporal com os objetos representados, os índices desinformativos precisam apontar para fatos e acontecimentos relevantes do momento, ou seja, temas que estejam em evidência no noticiário e que estejam circulando nas redes sociais. Na desinformação, os índices aparecem, frequentemente, como registros que atuam como “provas irrefutáveis” da verdade, quando, por exemplo, uma fotografia tenta atestar a presença (ou ausência) de indivíduos num determinado acontecimento, ou quando documentos “oficiais” são recuperados para denunciar um crime, ainda que tais registros sejam, muitas vezes, manipulados por ferramentas digitais de edição de imagens (Ribeiro et al., 2023)

Assim, uma estratégia semiótica crucial desses signos desinformativos consiste em acionar certas propriedades icônicas, simbólicas e, principalmente, indiciais para *representar o seu objeto falsamente*. Cabe lembrar que essa é uma das características possíveis de um signo (Nöth, 2006), como próprio Peirce afirma em uma de suas definições: “um signo intenta representar, em parte, pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, *mesmo que o signo represente o objeto falsamente*” (CP 6.347, grifo nosso).

Exemplos de signos que agem dessa maneira seriam as *fake news* - notícias deliberadamente falsas intencionalmente criadas para enganar leitores (Alzamora; Andrade, 2019) ou as *deep fakes* - manipulações de vídeos hiper-realistas, usando sofisticados algoritmos, que imitam os gestos, as expressões faciais e o tom de voz de pessoas (Westerlund, 2019). Em ambos os casos, esses signos contêm afirmações sobre o objeto que não são condizentes com a realidade dos fatos, ou seja, afirmam algo que não ocorreu ou que não pode ser comprovado. A propriedade de afirmar algo sobre o objeto representado é uma característica dos signos conhecidos como dicentes, ou discisignos: signos que, em relação ao seu interpretante, apontam para uma existência real e são suscetíveis de verificação (Nöth, Rick, 2011).

Signos que representam seu objeto falsamente podem ser desmascarados: para isso, basta cercarmos o objeto por meio de outros signos que também se reportam ao mesmo objeto a fim de averiguar suas características. “Se o signo é parte de um contexto existencial, factual, maior do que ele, sua verdade ou falsidade pode ser averiguada por experiência colateral com o objeto do signo, quer dizer, o campo de referências do signo” (Santaella, 2020: 18). É o que fazem, por exemplo, as agências de checagem de fatos, que procuram atestar a veracidade de notícias, levantando fontes de informações correlatas sobre o fato para confrontar as afirmações analisadas.

Contudo, sabemos que essa tarefa não é suficiente para conter a desinformação. A checagem dos fatos não possui o mesmo alcance e a mesma eficiência de uma informação falsa. Daí a relevância de recuperarmos a retórica e a metodêutica de Peirce para tratar

da desinformação, a fim de considerarmos quais são os efeitos práticos de um signo, uma vez que eles entram em ação rapidamente. Ou seja, a análise semiótica da desinformação não passa somente pela necessidade de se compreender como os signos representam seus objetos (em seus aspectos icônicos, indiciais e simbólicos), mas também que efeitos eles podem provocar e como esses efeitos se multiplicam.

6. A EFETIVIDADE DOS SIGNOS DESINFORMATIVOS: UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA

A abordagem do pragmatismo sobre a desinformação consiste em observar as consequências que se manifestam concretamente na sociedade a partir dos signos que são colocados em circulação neste contexto comunicacional, considerando, portanto, a natureza representacional desses signos e o seu potencial interpretativo. Essa observação, contudo, não se resume aos efeitos de um signo tomado isoladamente. Tendo em vista a importância que os interpretantes finais e lógicos desempenham, o problema da desinformação precisa ser atacado em múltiplas frentes, a fim de compreendermos, por um lado, como esses signos afetam os hábitos das pessoas (por exemplo, observando a maneira como suas crenças são fixadas). E, por outro lado, mapeando as cadeias de semiose que se articulam em torno de um determinado recorte empírico de atuação da desinformação.

Uma referência obrigatória entre os pesquisadores de Peirce para compreender como a desinformação atua na constituição de crenças dos indivíduos é o texto a “A Fixação da Crença” (Ribeiro; Paes, 2021; Ripoll; Ohlson; Romanini, 2022; Alzamora; Andrade, 2019). Nesse texto, que contém os alicerces para o desenvolvimento posterior do pragmatismo, Peirce descreve quatro métodos de fixação de crenças, desde métodos mais rudimentares até os mais elaborados.

Crenças em conteúdos desinformativos podem ser fixadas pelo método da *tenacidade*, que se caracteriza pela repetição e insistência. O método da *autoridade* enfatiza a fixação de crenças por meio de relações de poder exercidas por influenciadores ou lideranças, sejam elas religiosas, políticas, governamentais etc. O método *a priori*, mais elaborado, resulta de argumentos que parecem agradáveis à razão, mas que, no fundo, revelam gostos e preferências individuais, de maneira semelhante ao chamado viés de confirmação. Por fim, o método mais seguro para se alcançar crenças que sejam mais próximas da verdade, de acordo com Peirce, é o *método científico*, cujos princípios se fundamentam na validação de hipóteses por meio de experimentos verificáveis por dedução e indução, além da necessidade do escrutínio público pela comunidade de investigadores.

De acordo com Ibri (2020), os três primeiros métodos de fixação de crenças (tenacidade, autoridade e *a priori*) podem ser considerados como métodos dogmáticos. Aos desprezar os fatos e manter afastada a dúvida – que é um estado mental de desconforto responsável por estimular a renovação de nossas crenças – esses métodos são tratados como infalíveis. Ou seja, crenças fixadas dessa maneira tendem a ser bastante eficazes, na medida em que apelam para uma inabalável certeza, tal como um dogma. Ao contrário do método científico, esses métodos não se fundamentam na crítica coletiva, nem passam por validações indutivas. Em outras palavras, toda hipótese científica, para se tornar válida, precisa ser verificada por seus pares, bem como ser testada repetidas vezes, por critérios de amostragem, o que não ocorre nos três primeiros métodos.

Com base nesses argumentos, Baggio (2021) defende a ideia de que a efetividade da desinformação nas plataformas de redes sociais resulta de um efeito multiplicador por contágio. As regras de funcionamento dessas plataformas fundamentam-se na exposição de conteúdos personalizados pelas preferências de seus usuários, definidos a partir da coleta de seus hábitos de navegação, a fim de criar maior engajamento e maior tempo de exposição (D'Andrea, 2020). Esse modelo de negócios das plataformas estimula a criação das chamadas bolhas (Santaella, 2020): ambientes relativamente fechados onde os usuários são constantemente bombardeados com conteúdos que tendem a estimular a fixação de crenças pelos três métodos dogmáticos (tenacidade, autoridade e *a priori*). Assim, a repetição de signos dessa natureza nas bolhas simula um cenário semelhante ao teste indutivo típico do método científico. Ou seja, um signo desinformativo pontual ganha o reforço de outros signos semelhantes que tratam do mesmo tema, que chegam por outras fontes. Por consequência, ocorreria para os usuários, dentro de suas bolhas, uma falsa sensação de validação de crenças por amostragem. Se negligenciar o funcionamento dos algoritmos de recomendação de conteúdo que regem as plataformas, usuários podem acreditar que a (des)informação que lhes é apresentada é objetiva e universalmente encontrada por outros utilizadores (Bontridder; Poulet, 2021). Desse modo, o efeito de contágio seria semelhante ao de um agente infeccioso: pequenas “mutações” do microrganismo que se multiplicam para contaminar o ambiente.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso ter em mente que o fenômeno desinformativo é denso. Seus exemplos não se resumem a uma modalidade de mentira, rotulável dicotomicamente como falso ou verdadeiro. Por exemplo, em suas análises sobre as *fake news*, Santaella (2020: 20) propõe algumas categorias que procuram acrescentar algumas nuances classificatórias para além dos signos mentirosos, que seriam aqueles deliberadamente criados para ludibriar um intérprete. Segundo a autora, haveria também outros tipos, como signos sensacionalistas, signos mal fundamentados, signos deslocados, signos manipulados etc.

É inegável que a reverberação da desinformação é eficiente em seus propósitos. Seus efeitos são notáveis e geram consequências práticas, tais como a fixação de crenças equivocadas ou até mesmo o questionamento de conquistas científicas (como ocorre com o movimento antivacina ou com o terraplanismo). Quando um signo criado propositalmente para desinformar entra em ação e é reforçado por sofisticadas estratégias de contágio nas plataformas, seus efeitos práticos se tornam perceptíveis na sociedade. Basta lembrarmos, por exemplo, como as mensagens de incentivo aos chamados “tratamentos precoces” durante a pandemia de covid-19 tiveram ampla adesão, mesmo que tais medicamentos sejam comprovadamente ineficazes contra o vírus. Ou, quando um grupo de pessoas invade e depreda as sedes dos poderes Judiciário, Legislativo e Executivo em Brasília, nos atentados de 8 de janeiro de 2023, mobilizados por uma crença em uma suposta fraude nas eleições presidenciais.

Cabe lembrar que a semiose não é linear, de forma que os desvios devem ser encarados como situações inerentes aos problemas investigados pela comunicação, e não como ruídos ou exceções à regra. A trama de signos cria redes de semiose que buscam

estimular interpretantes em uma certa direção, reforçadas pelos sistemas de fixação de crenças. Se o objeto desses signos for digno de controvérsias, encontraremos cadeias de semiose que tentarão puxar os interpretantes para outras direções, gerando conflitos e divergências. Por outro lado, o efeito bolha parece reforçar, justamente, uma tendência de uniformização, avessa à dúvida e ao questionamento crítico.

Ao tratar dos mecanismos que relacionam crenças e dúvidas e das dinâmicas de semiose pela ação eficiente do signos, o pragmatismo e a retórica de Peirce fornecem subsídios para tornar a análise da desinformação mais sofisticada e mais rica. Tendo o pragmatismo como princípio, podemos afirmar que, no longo curso do tempo, as cadeias de semiose tendem a se aproximar dos interpretantes finais, ao provocar novos sentidos e novas mudanças de hábitos. Mas, para que a verdade se torne mais próxima, é necessária a atuação deliberada de uma comunidade de investigadores, que, guiada pelo rigor da ciência, esteja comprometida em desvendar as falsas representações, colocando seus resultados disponíveis publicamente à crítica dos pares. Além disso, é importante reforçar o incentivo ao aprendizado dos princípios do método científico, no intuito de promover um pensamento crítico que busca se proteger dos mecanismos nocivos da desinformação. Em outras palavras, o pragmatismo sugere que o rigor do pensamento crítico, no longo prazo, pode ser um forte aliado na disputa pela verdade em tempos tão controversos.

NOTAS

¹ A sigla EP2 corresponde ao segundo volume da publicação *Essential Peirce*, editada por Nathan Houser et al. (Peirce, 1998).

² A sigla CP refere-se aos *Collected Papers of Peirce*. O número ao lado indica o volume, seguido do parágrafo correspondente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALZAMORA, G., & ANDRADE, L. (2019). A dinâmica transmídia de fake news conforme a concepção pragmática de verdade. *MATRIZES*, 13(1), 109–131. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p109-131>
- ALZAMORA, G., MENDES, C., & RIBEIRO, D. M. (Orgs.). (2021). *Sociedade da desinformação e infodemia* (Vol. 1). Fafich/Selo PPGCOM/UFMG.
- BAGGIO, R. H. (2021). *Como as redes fixam crenças: uma análise realista da pós-verdade e suas implicações semiótico-pragmáticas* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório da PUC-SP.
- BERGMAN, M. (2000). Reflections on the role of the communicative sign in semeiotic. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, 36(2), 225–254.
- BONTRIDDER, N., & POULLET, Y. (2021). The role of artificial intelligence in disinformation. *Data & Policy*, 3(32). <https://doi.org/10.1017/dap.2021.20>
- COLAPIETRO, V. (2007). C. S. Peirce's rhetorical turn. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, 43(1), 16–52.
- D'ANDRÉA, C. (2020). *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. EDUFBA.
- IBRI, I. M. (2020). *Semiótica e pragmatismo: Interfaces teóricas* (Vol. 1). Oficina Universitária; Cultura Acadêmica.

- NÖTH, W. (2006). Representations of imaginary, nonexistent, or nonfigurative objects. *Cognitio*, 7(2), 277–291.
- (2014). O que as imagens excluem e como o excluído é incluído novamente. *Líbero*, 17(33A), 21–30.
- NÖTH, W., & AMARAL, G. (2011). A teoria da informação de Charles S. Peirce. *Tecogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, 5, 4–29.
- PEIRCE, C. S. (1931–1958). *Collected papers of Charles S. Peirce* (Vols. 1–6, C. Hartshorne & P. Weiss, Eds.; Vols. 7–8, A. W. Burks, Ed.). Harvard University Press. (Citado como CP)
- (1988). *The essential Peirce: Selected philosophical writings* (Vol. 2, Peirce Edition Project, Ed.). Indiana University Press. (Citado como EP)
- RIBEIRO, D. M., MENDES, C., & ALZAMORA, G. (2023). A relação entre crença e verdade no contexto da desinformação: Abordagens semióticas sobre os atentados de oito de janeiro. In *Anais do 32º Encontro Anual da Compós, 2023*. Galoá. <https://www.compos.org.br/anais>
- RIBEIRO, D. M., ALZAMORA, G., CORTEZ, N. M. P., & PAES, F. A. O. (2023). O caso Datapovo: Aspectos semióticos e pragmáticos da manipulação de imagens no contexto da desinformação. *Galáxia*, 48, 1–24.
- RIBEIRO, D. M., & PAES, F. A. O. (2021). Verdade e crença sob a perspectiva do pragmatismo: Contribuições para o debate sobre a desinformação científica. In G. Alzamora, C. M. Mendes, & D. M. Ribeiro (Orgs.), *Sociedade da desinformação e infodemia* (Vol. 1, pp. 87–112). Fafich/Selo PPGCOM/UFGM.
- RIPOLL, L., OHLSON, M., & ROMANINI, V. (2022). Análise do conceito de desinformação a partir da semiótica de Peirce. *Linguistic Frontiers*, 5(2). <https://doi.org/10.2478/lf-2022-0009>
- SANTAELLA, L. (1992). *A assinatura das coisas: Peirce e a literatura*. Imago.
- (1999). Methodeutics, the liveliest branch of semiotics. *Semiotica*, 124(3/4).
- (2004). O papel da mudança de hábito no pragmatismo evolucionista de Peirce. *Cognitio*, 5(1), 75–83.
- (2020). A semiótica das fake news. *Verbum*, 9(2), 9–25.
- WESTERLUND, M. (2019). The emergence of deepfake technology: A review. *Technology Innovation Management Review*, 9(11), 39–52.